

G.

Albert Alexandre

A verdadeira arte é perigosa.

A arte autêntica é uma actividade hostil em que a saúde se escapa mansamente.

Estas foram as primeiras lições que extraí do dia em que segui, vivi e bebi com um artista: o escultor G.

Há os bailarinos que acabam a sua carreira com os tornozelos feitos em bola número três do bilhar. Os escritores, se não acabam cegos, chegam ao fim com as costas mesmo ao ponto para qualquer reumatólogo. Os cantores cuidam da sua voz até limites insuspeitados e loucos. Diz-se mesmo que alguns violinistas, nos últimos compassos da sua existência, vivem sob a tirania do torcicolo permanente; giram inconscientemente a cabeça como se fossem decapitados a quem ficou um fio de pescoço por cortar.

A dos corpos não é a única destruição paredes meias à arte. O artista sem fissuras, o artista puro, enfrenta-se a outra dor bem mais premente e contemporânea: o risco de não conseguir o mínimo suficiente para passar

o mês sem derrotas, para nem falar em glórias. Pois bem, isto é pano para outras mangas... mesmo se, pensando bem, a pobreza é o estado anterior à enfermidade: a proto-enfermidade.

O escultor G. e eu combinámos encontrar-nos sexta-feira cedo, no bairro barcelonês de Sants. As nove de manhã era uma hora significativa que deitava por terra qualquer mito sobre a rotina tresloucada e boémia que se supõe ser a dos artistas.

Afinal, fui eu quem não cumpriu o combinado e apareci horas mais tarde no atelier de G. Talvez para imitar o que pensava dos artistas, decidi alargar a noite anterior no centro da cidade e de manhã foi-me impossível sair dos lençóis antes das onze. Em tentativa de redenção telefonei a G. para pedir desculpas pela impontualidade e para perguntar-lhe se era necessário levar algum tipo de presente ilibatório:

— Olhe, queres que te leve algo de comer... Talvez umas latas de cerveja?

O escultor G. respondeu negativamente e pude confirmar de novo que a rotina dos artistas está muito longe do absinto e do ópio; nem chega à cerveja matinal. Um tanto ou quanto fantasista imaginava como iria correr o dia ao lado de G.; tinha a vaga esperança de que no seu atelier haveriam homens e mulheres despídos esparramados sobre grandes almofadas; haxixe e ópio correndo pelos pulmões dos presentes; Velvet Underground ou uma cítara índia aos berros; pequenos carnavais no tempo retardado a que nos enviam as substâncias alucinogénicas...

G. recebeu-me gentilmente no seu atelier vestido de um avental desmazelado cheio de pintura seca e uma máscara para evitar a inalação de ga-

ses tóxicos. Parecia arrancado de um futuro apocalíptico em que os carniceiros têm que proteger-se para cortar a carne geneticamente modificada. Ali não havia nada do que sonhei, e devo reconhecer que não sei até que ponto me teria sentido cómodo na mítica estampa saída do século XIX parisiense. No atelier do escultor G. só havia o trabalho, uma desordem febril e o rádio sintonizada numa cadeia de música pseudo-alternativa.

A verdadeira arte é fisicamente destrutiva, isso já disse. No entanto, o mais manhoso disto é que a arte autêntica pode chegar a devastar não só o artista que a produz, mas também os que o rodeiam. Quantos casais desgastados pela literatura? Quanta capacidade auditiva perderam pais e mães de trompetistas? A arte tem o efeito de uma granada de mão: arrassa o epicentro da explosão e produz uma onda expansiva mortífera. Quanta mais intensa a arte, mais destrutor o seu raio de acção.

No atelier do escultor G. o cheiro químico entorpecia o meu cérebro e o cordial artista me emprestou uma máscara para me proteger do efeito nocivo dos gases tóxicos que se desprendiam dos materiais com que trabalhava. A ameaça tinha dois nomes: Poliéster e Pó de ferro. Apesar de que a sua inalação esporádica não produz mais que uma leve tontura, a exposição continuada a estas substâncias pode originar doenças pulmonares e siderose.¹

1 Para aqueles a quem isto parece uma piada – quero dizer, o risco que a arte implica – falarei brevemente da siderose. A dita palavra, de maléfica ressonância, define uma doença pulmonar do grupo das pneumoconioses. Este grupo de enfermidades pulmonares costuma afectar os mineiros e consiste numa quantidade anormal de partículas minerais orgânicas nos brônquios, nos linfonodos ou na parênquima pulmonar. Tudo isto pode produzir irritação das vias aéreas.



Estávamos nós, o artista G. e este humilde narrador, com as belas máscaras antiandrax a adornar as nossas cabeças; ainda não começou o dia-a-dia de um artista, pois o escultor G. trabalha de manhã como ajudante do conhecido escultor barcelonês S.

Tal como nas velhas relações laborais da Idade Média, G. ganha o seu pão como ajudante de S. Realiza aquelas tarefas mais anódinas, desprendidas do exercício escultórico, e aprende esforçadamente as técnicas mais secretas da arte.

Quando nos encontramos no atelier onde G. trabalha (atelier que S. aluga sem auferir lucros a uma dezena de artistas de distintas disciplinas), o escultor que eu devia seguir durante um dia inteiro estava a encher uns moldes de silicone com uma repugnante mistura. Uma vez engrossado e



seco, este líquido acinzentado transformar-se-ia numa obra de arte. À maneira dos Pink Floyd podíamos dizer que essa era o rosto obscuro não da lua, mas da escultura. Os submundos citadinos ou os bairros periféricos da arte encontram-se numa substância escura e altamente tóxica.

Aí pelas doze fomos ao atelier do escultor S., a poucas ruas do atelier de G. Neste lugar, como se fosse na dinâmica marxista das classes, encontrei, seguramente pelo seu asseio, os estratos médios da escultura. Ali estavam as obras ainda só como ideias ou já nas últimas fases criativas. As classes altas, a burguesia da escultura, encontraria, suponho, nas casas dos ricos ou nas desapidadas galerias do centro da Barcelona e do bairro de Gràcia.

Cumprimentámos S. e logo voltámos ao escuro atelier de que começava a gostar cada vez mais. Entre o pó, as emanações gasosas e a desordem, começava a sentir uma certa perfeição caseira, uma unidade que gritava arte. “É preciso trazer de dentro um caos para poder gerar uma estrela dançante.” Friedrich, como tinhas razão!

Chegou a hora do almoço. O que comem os artistas? Comem de todo, ou perdidos na sua criatividade se esqueçam de realizar esta necessidade básica? Fomos à casa de uns amigos portugueses de G. (que também é português) que também são amigos meus. O casal luso (Ge. e X.) vive numa agradável casa do bairro de Sants, que tem um minúsculo pátio que logo invejei. Chamei a minha namorada (I.), que em exposições de liberais chamo chuchuzinho, amor ou até companheira nos meus dias mais revolucionários. No almoço estávamos G., Ge., X., I. e eu, e também uma rapariga de Valencia que nasceu em Cuba.

Comecei a entender que a vida de um artista era muito parecida à minha, e isto, que num primeiro momento me parecia intolerável, passado um tempo começou a agradar-me. A mesma comida, as mesmas conversas, as mesmas preocupações, os mesmos risos pelas mesmas piadas, o mesmo silêncio de aborrecimento... E se a vida de artista não existe além da acção artística?

Depois do agradável almoço voltámos ao atelier e G. podia finalmente trabalhar na sua própria escultura. E aí houve outra desilusão. Não havia blocos de mármore nem cinzeis, não havia bronze. Imediatamente me



senti desapontado e completamente enganado pelas lições clássicas dos mestres-escultores. Que palhaço o Miguelângelo ao afirmar que cada bloco de pedra esconde uma figura no seu interior e que a obra do escultor é descobri-la!

G. ligou a sua rebarbadora à corrente e, como se fosse um cirurgião de monstruosos animais, se lançou com força contra a sua escultura. Passou horas com a ferramenta eléctrica polindo-a; horas de faíscas e ruído infernal... a arte – fruste desengano – era isto, ao fim e ao cabo.

Precisamente quando pensava que o último mito sobre os artistas cairia também por terra, ouvi a voz de G. chamando por mim na sala de *partos*.



— Vem cá um segundo, preciso de pôr a escultura de pé.

Eu estava a ler e deixei a tarefa mal-humorado. Esforçadamente endireitámos o enredo de pó de ferro, e então tudo mudou. G. começou uma subtil dança à volta da sua escultura: observava-a de trás, se aproximava, olhava-a na cara, tocava-a... tudo isto num silêncio sepulcral que se enchia de palavras. Parecia que G. e a sua obra dialogavam buscando pontos em comum. Ela queria ser algo mas G. resistia a que o fosse. G. considerava outra opção mas a estátua colocava a impossibilidade de tal deriva.

Um pouco depois a escultura voltou à sua caída posição original e de novo a trovejante rebarbadora e as faíscas inundavam o atelier.

Apareceu um companheiro de atelier que tinha que construir um costume de metal para um amigo seu. Este amigo viria mais tarde e pude escutar como se interpelavam carinhosamente de “puta”, “cadela”, “divina” ou “louca”. Como soube mais tarde, o costume dourado de gladiador seria usado numa manifestação queer pelo amigo efeminado.

Acabou o dia de G. como escultor e fomos à tasca onde sempre vamos às sextas pela tarde. Acabas por ganhar gosto em que o barman te põe o que queres somente por entrares pela porta. É verdade que as opções são poucas e o proprietário do bar, J., tem poucas probabilidades de falhar: cerveja negra, cerveja loira ou mistura das duas.

No bar vinham se juntando amigos meus e de G. que no fim formavam um grupo eclético em que estavam representadas numerosas nacionalidades e caracteres divergentes. Bebi uma cerveja, depois outra, depois uma terceira e comecei a recuperar desta leve doença matinal produzida pelo poliéster e o pó de ferro. Já estávamos prontos para viver a noite e em rebanho fomos para outro bairro, como se fosse outra cidade, para dançar um pouco. O que se passou então é por demais conhecido por todo o mundo e não tem substância literária nenhuma.

Durante as semanas seguintes tenho andado a reflexionar sobre o dia que passei com G. Será a minha existência diferente da do artista? Tenho que reconhecer que são bastante parecidas: os mesmos bares, amigos em comum, uma mesma forma de entender a noite... no entanto, há algo, um só instante, que nos distancia. É a dança de G. em volta da sua escultura, é o silêncio dialogante entre ele e a sua arte. A diferença é este instante, este momento em que a vida do artista se afasta a milhões de anos-luz da do resto dos mortais...e isto muda tudo.